



**LUCIENE REGINA
PAULINO TOGNETTA**

PATA DE ELEFANTE

ILUSTRAÇÕES PAULO R. MASSERANI

ADONIS

Americana-SP, 2013

Copyright © 2013

Luciene Regina Paulino Tognetta

Projeto Editorial

Magali Berggren Comelato

Projeto Gráfico

Paula Leite

Ilustrações

Paulo R. Masserani

Revisão

Lara Milani

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

T576p

Tognetta, Luciene Regina Paulino

Pata de elefante / Luciene Regina Paulino Tognetta ; ilustrações Paulo R. Masserani. - 1. ed. -
Americana, SP : Adonis, 2013.

24 p. : il. ; 25 cm. (Convivência ; 1)

ISBN 978-85-7913-146-2

1. Conto infantojuvenil brasileiro. I. Masserani, Paulo R. II. Título. III. Série.

13-02920

CDD: 028.5

CDU: 087.5

12/07/2013 12/07/2013



Para Pedro Vinha, que emprestou a “pata”.
Para Telma, que segura as minhas patas...
Para Gabriel: que você tenha sempre muitos
amigos para ajudar com suas patas de
elefante no peito.

Era uma vez um rato.
O rato tinha um problema: uma dor no peito
que não passava de nenhum jeito.





— Rato, meu caro rato,
seu pulmão está tão limpo, tão bem,
feito bumbum de neném.

O rato pensou: vou procurar um doutor.
O primeiro que ele consultou foi o Dr. Leão,
especialista em pulmão.





O rato ouviu e pensou: **mas a dor no peito ainda não passou.**

Foi a vez de procurar então pelo grande Urso, especialista em coração.

— Rato, meu caro rato,
seu coração bate mais forte que
bateria de grande porte.


O rato ouviu e pensou: **mas a
dor no peito ainda não passou.**



Assim procurou pelo
Canguru doutor,
especialista em qualquer dor.

— Rato, meu caro rato,
os exames não dizem nada!
Essa dor é uma piada.





O rato ouviu e pensou: **mas a dor no peito ainda não passou.**

Procurou então a sábia Coruja,
curandeira oficial daquele horto florestal.

— Rato, meu caro rato,
você sofre de um mal
gigante:

**Síndrome de pata
de elefante !**

SÍNDROME DE PATA DE ELEFANTE !



— Pata de elefante? O que
isso quer dizer?



Foi perguntar para outro
rato, amigo de fino trato.



— Rato, meu caro rato,
“pata de elefante”
é quando uma tristeza gigante,
uma angústia, preocupação
ou até medos de montão
invadem o peito da gente.



Não há remédio que cure e, se não
há como curar,
o único jeito, meu amigo,
é seu peso a gente compartilhar.





Luciene Tognetta



*Luciene faz parte do
Grupo de Estudos e Pesquisas
em Educação Moral*

A história da *Pata de elefante* surgiu no meio de um furacão de tristezas. Sabe aqueles momentos em que tudo dá errado, em que você tem um monte de problemas juntos que lhe dão um nó na garganta e deixam o peito doendo? Pois é. Foi nesse momento que essa história nasceu: quando o peito doía muito e estava lá uma amiga muito querida para ajudar a segurar a pata. Na verdade, essa ideia da “pata de elefante” no peito foi de outro amigo: a dor que ele sentiu quando seu pai (por mim também tão querido) morreu foi enorme, dessas de doer o peito. Então, eu só tomei emprestada essa ideia.

Escrever sobre tristezas e alegrias que a gente tem quando convive com os outros tem sido uma coisa muito boa pra mim. E começar uma nova coleção falando de convivência e da necessidade de que esse seja um tema para ser trabalhado na escola, já que lá também levamos as patas de elefante conosco, é para mim algo muito importante.

Isso porque faço parte de um grupo de pesquisas que trabalha exatamente com isso, e daí a transformar as nossas pesquisas em histórias para criança é um pulinho...

Para quem ainda não me conhece, vou contar algumas coisas sobre mim, mas de um jeito que as crianças entendam. Eu sou

professora de gente grande e para isso estudei bastante. Depois da escola, fui fazer um curso de Pedagogia, que é uma faculdade para ser professora. Logo após, continuei estudando: fiz um curso que se chama mestrado em Educação, quando a gente escreve sobre uma pesquisa que a gente fez. E, para variar, com quem eu fiz essa pesquisa? Com crianças! Aí eu fiz outro curso mais comprido, chamado doutorado em Psicologia, e mais outra pesquisa, chamada tese. Uma tese é quando a gente defende uma ideia que ninguém teve antes. E eu defendi a ideia de que para alguém ser generoso é preciso “querer” ser assim. Portanto, ninguém ensina ninguém a ser bom. Estudei numa universidade grande aqui de São Paulo, a USP, e uma parte do doutorado eu fiz numa universidade bem longe, lá em Genebra, na Suíça. Depois que terminei o doutorado, comecei a escrever para crianças. E também não parei mais de fazer pesquisa: acabei de terminar um pós-doutorado em outra universidade que fica do outro lado do Oceano Atlântico, lá na terra do bacalhau: é a Universidade do Minho, em Portugal. Bom, é isso tudo. E não quero parar por aí, até porque, para falar sobre criança, a gente não pode deixar de estudar.